

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURAÇÃO DA NOVA ORDEM MUNDIAL: A GLOBALIZAÇÃO¹

Edison Antonio Alberti²
Janete Teresinha Reis²
Meri Lourdes Bezzi³

RESUMO: A pesquisa teve como preocupação central realizar uma discussão, enfocando os principais estágios que impulsionaram a globalização. Procurou-se contrapor distintas visões de autores que tratam sobre o assunto. Assim, fez-se um paralelo sobre a evolução do processo da globalização, que tem como objeto maior a integração mundial através da ordem política, econômica e social, visando a integração comercial dos países e, conseqüentemente, acarretando problemas ambientais de repercussão significativa na atualidade. A metodologia baseou-se na busca de matrizes teóricas para a fundamentação desta temática. Desta forma, salienta-se que a globalização manifesta-se em nível global, de forma diferenciada, uma vez que as nações se unem com fins comerciais, distintos facilitados pelos significativos avanços das tecnologias, das telecomunicações e dos meios de transportes. Destaca-se que a fragmentação dos territórios eleger determinados setores da sociedade, ou seja, aquela parcela que usufrui dos meios mais sofisticados de informação, tecnologia e capital.

Palavras-chave: Globalização; Economia Mundial; Capitalismo; Fragmentação.

CONSIDERATIONS ON THE STRUCTURE OF THE WORLD'S ORDER: GLOBALIZATION

ABSTRACT: The research had as central concern to accomplish a discussion focusing on the main stages that impelled globalization. It was attempted to oppose authors' points of view who deal with this subject. Thus, a parallel on the evolution process of globalization was established, whose main concern is the world integration through the political, economics and social order so that countries' commercial integration is attained, with generated environmental problems of significant repercussion at the present time. The methodology was based on the research of theories to support this theme. Therefore, it can be pointed out that globalization manifests itself worldwide but with differences since nations come together because of commercial objectives, but distinct ones, furthered by increasing developments of technology, telecommunications, and means of transportation. Another aspect to be considered is that territories' fragmentation promotes specific society's segments, that is, those who have access to and use the most sophisticated means of information, technology, and capital.

Key-words: Globalization; World Economy; Capitalism; Fragmentation.

INTRODUÇÃO

A globalização é alvo de grandes discussões, seja no meio acadêmico, na mídia, em publicações científicas e, em colóquios informais. Haja visto, que este interesse tem

¹ Trabalho final da disciplina: "Metodologia da Pesquisa em Geociências" do Curso de Especialização em Geografia e Geociências do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria.

² Alunos do Curso de Especialização, Departamento de Geociências/PPGGG/CCNE/UFSM. e-mails: alberti@mail.ufsm.br; geojane@mail.ufsm.br.

³ Docente do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria. Professora orientadora do Curso de Especialização em Geografia e Geociências da UFSM - Campus Universitário, Prédio 17, CEP: 97119-900, Santa Maria-RS. e-mail: meri@oslo.ccne.ufsm.br.

razão de ser, uma vez que a sociedade contemporânea está passando por importantes transformações, o que leva conseqüentemente a uma nova ordem mundial. Neste sentido, a ciência geográfica tem contribuído consideravelmente para a compreensão deste processo, dispondo de uma significativa bibliografia sobre esta temática.

A globalização pode ser considerada a imposição de uma economia global única, com a integração dos mercados nacionais, resultando em um aprofundamento da Divisão Internacional do Trabalho (DIT). Além disso, tem como tripé os fluxos de mercadorias, de capitais e de informações, transpondo fronteiras nacionais, sem limites nas transações, transformando tudo em mercadoria possível de negociação.

O processo de globalização não exclui ninguém de sua teia. De alguma forma todos são atingidos, até mesmo aquelas pessoas que vivem no coração da floresta amazônica, alheia a tudo o que acontece no mundo “civilizado”.

Muitos acreditam no surgimento de um mundo homogêneo no qual o processo de globalização tem como característica a busca da igualdade, mas, sabe-se, o que ela mais vem ressaltando são as diferenças, onde o crescimento da riqueza é comparado com a crescente desigualdade de sua distribuição entre as nações e as diversas classes sociais. Neste sentido, Foschiera (2000, p.19) nos coloca que “o ponto mais contraditório do processo de globalização é o movimento de regionalização. Quanto mais se aprofundam as relações econômicas internacionais, mais se acentua o processo de regionalização”. Portanto, passa a ocorrer uma adequação do regional ao global, mas sem perder suas características locais quanto aos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais.

EVOLUÇÃO HISTÓRICO-ESPACIAL DA GLOBALIZAÇÃO

Há muito tempo a reflexão e a imaginação encontram-se desafiadas quanto ao discernimento do que vem a ser a globalização. Esta, por ser uma busca antiga, continua no presente e obviamente seguirá no futuro. Muitas são as expressões que denotam essa busca constante, reiterada e obsessiva, em épocas diferentes, lugares distintos e em diversas linguagens, seja no Oriente ou no Ocidente, seja no Primeiro, Segundo, Terceiro ou Quarto Mundos, no Norte ou no Sul. Estamos num mundo sem fronteiras, capitalismo mundial, socialismo mundial, terra pátria, planeta terra, ecossistema planetário, em tudo e em toda parte a globalização se faz presente.

A globalização, de um modo geral, passou a ser mais perceptível após a Segunda Guerra Mundial, uma vez que o capital perdia parcialmente suas características nacionais. Neste momento, observa-se com maior intensidade, a presença internacional ou mesmo uma conotação internacional inglesa, norte-americana, alemã, japonesa, francesa,

entre outras, nos países periféricos. Na análise de Ianni (1997a), percebe-se, neste período, uma metamorfose qualitativa e não apenas quantitativa, uma vez que o capital passou a adquirir novas condições e possibilidades de reprodução. Acrescenta-se também, que os espaços se modificaram além das fronteiras nacionais, tanto nas nações dominantes como nas subordinadas, conferindo uma conotação internacional a qual passou a se intensificar no final da Guerra fria.

Pode-se dizer então, que o capitalismo foi adquirindo uma nova configuração em nível mundial, ou seja, as empresas, as corporações e os conglomerados transnacionais passaram a transpor sobre as economias nacionais e assim surgiu uma Nova Ordem Econômica Mundial, que procura flexibilizar a economia progressivamente.

Todavia, a grande empresa passou a avançar fronteiras e o mundo se transformou, na prática, em uma imensa e complexa fábrica, caracterizado por Ianni (1997a), de shopping center global.

Neste contexto, destaca-se que se faz parte de um processo de integração mundial o qual se intensifica a cada instante. Na visão de Santos (1993, p.34) é mais do que isso, pois o mesmo salienta que: “O processo de globalização acarreta a mundialização do espaço geográfico”. Conseqüentemente, ocorre a subordinação dos espaços nacionais aos interesses internacionais. Para o mesmo autor, a ciência, a tecnologia e a informação são a base para a apropriação do espaço, sendo mais favorável, na sua acepção, “aos interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade”.

Entretanto, o início desta integração mundial remonta aos séculos XV e XVI, quando as grandes navegações dos Estados europeus, possibilitaram a conquista de novos mercados. Ressalta-se também que outros fatos importantes marcaram a difusão do comércio e dos investimentos, principalmente, impulsionados pelas duas Revoluções Industriais, nos séculos XVIII e XIX. Esta expansão ocorre até a queda da Bolsa de Nova York, em 1929. Após a II Guerra Mundial o bloco capitalista volta a crescer economicamente, estimulados pelo rompimento das barreiras alfandegárias postas em práticas pelo Acordo Geral de Comércio e Tarifas (GATT), o qual se transformou na atual Organização Mundial de Comércio (OMC).

Para Santos (1991), o processo de internacionalização vem sendo gestado há muito tempo, culminando numa aparente eliminação das fronteiras das Nações, resultando numa integração econômica juntamente com a liberação financeira e comercial. É a mundialização de tudo que pode ser quantificado, no espaço, na produção, nas finanças e até mesmo na cultura, em suas palavras:

[...] O projeto de mundializar as relações econômicas, sociais e políticas começam com a extensão das fronteiras do comércio no princípio do século XVI, avança por saltos através dos séculos de expansão capitalista para finalmente ganhar corpo no momento em que uma nova revolução científica e técnica se impõem e que as formas de vida do Planeta sofrem uma repentina transformação: as relações do Homem com a Natureza passam por uma reviravolta, graças aos formidáveis meios colocados à disposição do primeiro (SANTOS, 1991, p.12).

Neste sentido, pode-se inferir que a globalização é um estágio do capitalismo em constante transformação.

De acordo com Ianni (1999), historicamente, o capitalismo pode ser definido como:

[...] A rigor a história do capitalismo pode ser vista como a história da mundialização, da globalização do mundo. Um processo histórico de longa duração, com ciclos de expansão e retração, ruptura e reorientação [...] Assim se caminha do século XVI ao XX, passando pelo mercantilismo, a acumulação originária, o absolutismo, o despotismo esclarecido, as revoluções burguesas, os imperialistas, as revoluções de independência, as revoluções socialistas, o terceiro mundismo e a globalização em marcha nesta altura da história (IANNI, 1999, p.55-56).

Percebe-se, então, que o processo de mundialização da economia, busca um enfoque maior nas relações de produção e comércio internacional, obedecendo à lógica capitalista, ou seja, a integração de todos os recantos do mundo, ocupando todos os espaços mundiais, formando a teia global das grandes corporações internacionais. Nos países menos desenvolvidos, se impõe a idéia de que a integração aos mercados internacionais se daria pelo desenvolvimento industrial sob a égide de planos de reestruturação dos espaços nacionais, com vistas à exportação de seus produtos, bem como se integrar a este grande mercado. Segundo este enfoque:

[...] a adaptação ao modelo capitalista internacional torna-se mais requintada, e a respectiva ideologia de racionalidade e modernização a qualquer preço ultrapassa o domínio industrial, impõe-se ao setor público e invade áreas até então não tocadas ou alcançadas só indiretamente, como por exemplo, a manipulação da mídia, a organização e o conteúdo do ensino em todos os seus graus, a vida religiosa, a profissionalização, as relações de trabalho etc. (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p.47).

Seguindo esta lógica, a ocupação dos espaços pelas empresas globais, sejam estas nacionais ou internacionais, ocupam os locais mais favoráveis com vistas à maior produtividade e competitividade. Para Santos (2001), são estes os “espaços luminosos”,

enquanto, o restante do território, os “espaços opacos”, ou seja, aqueles que ficam reservados às empresas menos poderosas.

No entanto, pode-se dizer que as firmas internacionais detêm maior poder de negociação com os governos no que se refere à escolha do lugar para sua instalação, bem como para a instalação de infra-estruturas, que conseqüentemente tornará aquele espaço mais atrativo para seus negócios. Além disso, estas possuem maior poder de negociar com os governos, quanto à concessão de incentivos fiscais.

Segundo o ponto de vista de Santos & Silveira (2001, p.297), “cada lugar, como cada região, deve ser considerado um verdadeiro tecido no qual as condições locais de infra-estrutura, recursos humanos, fiscalidade, organização sindical, força reivindicatória afastam ou atraem atividades em dado momento”.

Este enfoque nos leva a considerar que o meio técnico-científico-informacional vai de encontro ao capital nacional ou internacional, das grandes corporações, colocando a sua disposição, até mesmo, os recursos públicos. Nesta linha de raciocínio destacava-se que:

[...] nas condições históricas atuais o meio técnico-científico-informacional, seja como área contínua, mancha ou ponto, constitui esse espaço da racionalidade e da globalização. A serviço de grandes empresas privadas, o território nacional conhece, em certos lugares, uma adequação técnica e política que permite a tais empresas uma produtividade e um lucro maiores. Em última análise, trata-se de uma racionalidade privada obtida com recursos públicos. Em outras palavras, tal racionalidade representa sempre uma drenagem de recursos sociais para a esfera do setor privado (SANTOS & SILVEIRA, 2001, p.306).

Parece comum a intensificação e a generalização do processo de dispersão geográfica da produção, ou mesmo das forças produtivas. Entretanto, cabe salientar que as desigualdades sociais são geradas pela internacionalização econômica.

Assim, a nova Divisão Internacional do Trabalho e da produção, envolvendo o fordismo, o neofordismo, o toyotismo, a flexibilização e a terceirização, se agilizam e se generalizam com base nas técnicas eletrônicas, na qual esta nova Divisão Internacional do Trabalho comprova a globalização do capitalismo, tanto em termos históricos como geográficos.

Desta forma, globalizaram-se as instituições, os princípios jurídico-políticos e, até mesmo, os padrões socioculturais e as idéias que constituem as condições e os produtos civilizatórios do capitalismo. Percebe-se, então, que o significado de Estado-Nação toma outra configuração e se altera constantemente.

Fica claro, que a partir deste momento, os projetos nacionais, a reforma institucional, ou seja, as condições da soberania nacional passaram a ser determinadas por exigências de instituições, organizações e de corporações multilaterais, transnacionais, que subordinam as nações. Sendo assim, o aparelho estatal é obrigado a se reorganizar, a se modernizar, segundo as características do funcionamento dos mercados mundiais, assim como, dos fluxos e dos fatores de produção, sobretudo da geopolítica e das alianças estratégicas.

Nesta visão, salienta-se, que tanto o aparelho estatal como, as empresas nacionais são obrigadas a se modernizar em virtude da imposição do capitalismo e da concorrência dos mercados internacionais uma vez que pode ocorrer o sucateamento das empresas permitindo a instalação de indústrias multinacionais fragilizando a economia nacional.

Em decorrência, tem-se a internacionalização das diretrizes relativas à desestatização, à desregulamentação, à privatização, à abertura de fronteiras e à criação de zonas francas.

Neste contexto, o Brasil, se inseriu neste processo, onde a partir da década de 50 passou a incorporar "pacotes econômicos" que exigiram grandes capitais. Por ser um estado de carência, esta modernização se desenvolveu a base do crédito, fruto da atual dívida externa.

As estratégias utilizadas pelas transnacionais provocaram mudanças no uso do solo e na própria orientação das atividades agrícolas. Isto foi responsável pela tendência no emprego capitalista da terra agrícola, quanto à produção de proteínas, e assim implicando na substituição das dietas locais pelas transnacionais. Desta forma, em praticamente todos os setores agropecuários, está ocorrendo a racionalização dos processos produtivos, de organização social, bem como da técnica de trabalho, de modo a acelerar a produtividade e ampliar as condições da produção de excedente, lucro ou mais-valia. Concordando com Ianni, (1997a, p.52-53) quando argumenta que: "a internacionalização do capital significa simultaneamente a internacionalização do processo produtivo. E é obvio que esta internacionalização do capital produtivo envolve não só a idéia da fábrica global e do shopping center global, mas também a da internacionalização da questão social".

Pode-se considerar, que no momento em que se mundializa o capital produtivo, mundializam-se as forças produtivas, bem como as relações de produção e assim se ocorre a mundialização das classes sociais.

Quando ocorre a internacionalização do capital, este se desloca das nações e dos subsistemas econômicos nacionais, mesmo que guarde alguns traços importantes de sua origem ou enraizamento.

Salienta-se, também, que ao mesmo tempo em que a globalização une povos e nações, ocorre fragmentação. Na afirmativa de Ianni (1997a), a globalização é um problema, pois ela é ao mesmo tempo contraditória. Compreende a integração e a fragmentação do nacionalismo, do regionalismo, do racismo e do fundamentalismo, da geoeconomia e da geopolítica.

Desde que se acelerou o processo de globalização as noções de tempo e espaço se modificaram. Isto é perceptível na crescente agilização das comunicações, nos mercados, nos fluxos de capitais, nas tecnologias, nos intercâmbios de idéias e imagens, que vão modificando os parâmetros herdados sobre a realidade social, incluindo o modo de ser. Assim, as fronteiras parecem se dissolver, as nações se integram e se desintegram e, em escala global, se revelam novas formas sociais do espaço e tempo.

Caracterizando a sociedade global, percebe-se que as formas sociais do espaço e do tempo estão em constante modificação e, inclusive, em multiplicação. A eletrônica e a informática tecem as redes invisíveis, tanto que a velocidade excepcional produz o instante desconhecido. Nestas circunstâncias, resgata-se, mais uma vez, Ianni (1997a p.168), quando salienta que “em qualquer lugar e em todo mundo a eletrônica relaciona e prende, ata e desata pessoas, coisas, idéias, palavras, gestos, sons e imagens. A velocidade dissolve-se no instante, a demora é apagada pelo fugaz”.

Nesta linha de pensamento, observa-se que o mundo se transformou em território de todo o mundo, as fronteiras são abolidas pelos meios de comunicação, informação, transporte e distribuição. Os meios de produção e consumo se agilizam universalmente, sem falar das descobertas científicas. Nesta concepção, a mídia impressa e eletrônica, a indústria cultural transforma o mundo num paraíso de imagens, vídeos, shopping centers, supermercados, entre outros. Assim, se apresenta o universo da fragmentação. Determinados grupos usufruem destes meios sofisticados e um grande grupo se encontra excluído não possuindo acesso a estas “inovações”, sejam tecnológicas, eletrônicas ou científicas.

GLOBALIZAÇÃO E INFORMAÇÃO

A busca por informação está tão arraigada na sociedade globalizada que as pessoas, mesmo as menos instruídas, sentem necessidade de saber o que ocorre na sua cidade, no seu estado, no seu país e também no mundo. Esta busca pela informação se dá

através da mídia impressa, do rádio, pela televisão e, mais recentemente, pela internet. Neste sentido, a televisão e a internet têm o poder de lançar a notícia quase que instantaneamente e se disseminar pelo mundo num tempo muito curto.

A necessidade pela informação é tanta que quando não se lê o jornal do dia, não se assiste o telejornal favorito ou até mesmo se não acessa a internet parece que alguma coisa ficou faltando neste dia. Neste caso, só as classes mais abastadas terão acesso a estes veículos. Este é o poder da informação e da globalização dos acontecimentos sobre nossa consciência, nosso cotidiano e nossa forma de pensar e agir, ou seja, o poder de modelar a nova sociedade, dando sentido a todo tipo de informação.

Santos menciona a importância da informação para a globalização. Nas palavras do autor: “A instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e cria entre lugares e acontecimentos uma relação unitária na escala mundo” (SANTOS, 1993, p.34).

É importante destacar que as informações refletem a manutenção do *status quo* de uma sociedade desigual, em que poucos detêm o poder e o acesso as informações privilegiadas, refletindo, de certa forma, na imposição de um modelo econômico globalizado atrelado ao maior ou menor poder de informação. Ramonet apresenta argumentos importantes quanto à qualidade da informação. Na sua concepção há uma informação para dominados e há uma informação para dominantes, quando ele afirma que:

[...] A informação que recebemos todos os dias pelos grandes meios tem outra vocação do que nos desenvolver. É uma vocação de acalmar, é como um sedativo, um sedativo social. Paralelamente existe outra informação, que é muito elaborada, extremamente séria, de tipo técnico, de tipo científico, com muitos dados, com elementos riquíssimos que circulam nas chamadas cartas confidenciais, pela imprensa escrita ou via internet. São extremamente caras e suas assinaturas valem milhares de dólares. Quem recebe são, evidentemente, os executivos, os patrões, os responsáveis de grandes empresas, esses sim têm uma informação que os permite adquirir um saber que lhes dá poder [...] Mas informação é poder, evidentemente, quando só alguns dispõem dela. Não podemos acreditar que estamos mais informados que antes, por que há quantitativamente mais informações. Talvez nunca estivemos tão mal informados como agora (Ramonet, 2002, p.31).

O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E A FRAGMENTAÇÃO

É perceptível que a globalização da economia capitalista compreende a formação de centros decisórios extra e supranacionais. Desta forma, a formulação e implementação de projetos nacionais são drasticamente afetadas pela globalização,

tornando assim os projetos passíveis a serem executados, desde que contemplem as novas e poderosas determinações "externas" transnacionais e propriamente globais. Assim, o mundo globalizado quando se modifica, transforma, recria ou anula fronteiras reais e imaginárias, os indivíduos movem-se em todas as direções, mudam de país, trocam o local pelo global, procuram diversificar seus horizontes, inclusive pluralizam as suas identidades.

Segundo Lyotard (1986); Jameson (1991) apud Ianni (1997a, p.170), é importante destacar que o universo da fragmentação ocorre quando: "Fragmentam-se o espaço e o tempo, o pensado e o pensamento, a realidade e a virtualidade, o todo e a parte". Seguindo o raciocínio, Ianni (1997a), acrescenta que tudo parece se dissolver no momento presente, imediatamente superado pela outra imagem, colagem, montagem e mensagem, deteriorando-se o passado remoto e imediato. No entanto, essas seqüências descontínuas do processo de globalização não são interrompidas nem apagadas do horizonte.

Além disso, fragmentam-se as realidades recorrências, desencontros, seqüências e as descontinuidades; multiplicam-se os espaços e os tempos imaginários virtuais, simulacros, tanto que ocorre a substituição da experiência pela aparência, pelo virtual, da palavra e imagem.

Neste aspecto, tem-se presente a mídia, a qual, se converte numa espécie nova, surpreendente, insólita e eficaz de intelectual orgânico dos blocos de poder que se articulam em escala global. Da mesma forma, que a mídia se globaliza, tanto na economia como na política, a indústria cultural e os meios de comunicação, a eletrônica e a informática, nesta escala, vêm globalizar os interesses e objetivos, ideologias e visões do mundo dos que detêm meios políticos, econômicos, sociais e culturais que mandam e desmandam em escala global.

É claramente perceptível que o tempo eletrônico tece cada vez mais a vida de todo mundo e assim, passa a acelerar e a diversificar as possibilidades de diálogo e monólogos, comunicações e desentendimentos, simultaneamente aos intercâmbios, comércios, trocas e negócios. Da mesma forma, o inglês pode ser considerado o idioma da globalização, uma vez que a maior parte dos acontecimentos, relações, atividades e decisões são expressas nesse idioma comunicativo, expressivo e informático.

Nesta visão, Ianni (1997a), reforça a idéia de que ao mesmo tempo em que a globalização vem impulsionar a homogeneização, equalização ou integração, vêm provocar fragmentações, rupturas contradições. Passam a multiplicar-se os desencontros de todos os tipos, em nível local, nacional e mundial, envolvendo relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais.

Muitas são as conseqüências oriundas deste processo da globalização, onde as coisas, gentes e idéias entram em descompasso com os espaços e tempos instituídos pela eletrônica, onde o passado e o presente embaralham-se assim como, o espaço e o tempo, são padrões, valores, modos de agir e de ser, de pensar e imaginar que simultaneamente combinam-se e tencionam-se. Tem-se o confronto do novo e do velho, do arcaico e do moderno, procurando instituir tradições e obsolescências, novidades e inovações, modernidades e pós-modernidades.

Ao impregnar modos, de ser, de agir, de pensar, de imaginar, seguindo a mesma racionalização, que prioriza o tempo, o ritmo, a velocidade e a produtividade, vem produzir a subordinação o indivíduo à máquina, ao sistema, às estruturas de dominação e apropriação prevalentes, promovendo sua alienação.

A globalização econômica é uma expressão utilizada na atualidade. Esta expressão é utilizada cada vez mais para significar que os capitais, bem como as produções econômicas se deslocam e fixam-se em qualquer lugar do planeta com grande rapidez e agilidade.

Várias são as faces da globalização econômica, mas, no entanto, três são caracterizadas por Brigagão & Rodrigues, (1994, p.62), “a financeira (o capital sem pátria), a comercial (comércio para todos), e a produtiva (produzir em qualquer lugar)”.

Todavia, a globalização econômica está vinculada à própria expansão do capitalismo. Assim, a expansão do sistema capitalista aos poucos foi transformando o planeta num grande mercado, onde as transnacionais, os Estados e os indivíduos passaram a intercambiar bens e valores econômicos. Da mesma forma, tem-se o aumento da competição e dos conflitos por acesso a mercados e a oportunidades na economia internacional, onde o tempo pode ser contado em frações de segundos e os ganhos ou perdas são computadas em bilhões de dólares.

GLOBALISMO

O que vem a ser o Globalismo? Tantas configurações histórico-sociais são registradas, sejam elas o feudalismo, o escravismo, o mercantilismo, o colonialismo, o imperialismo, ou então, o capitalismo e o socialismo, surgindo uma nova configuração espacial. Esta é uma configuração histórico-social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas ao mesmo tempo assinala condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes: o Globalismo.

O Globalismo não nasce pronto e acabado, quem deixa claro essa idéia é Ianni (1997b). O autor enfatiza que o globalismo é muito menos presente, visível, evidente, revela-se aos poucos e é visto como uma configuração histórico-social, uma vez que diz respeito à realidade social, econômica, política e cultural articulada em âmbito propriamente global, a despeito de suas conotações locais, regionais, nacionais e internacionais.

Porém, as transformações surpreendem em todos os lugares. Abalam-se os quadros sociais e mentais de referência gerando impasses e aflições, inclusive crises e conflitos.

A base deste processo atual está na globalização do capitalismo. Em poucas décadas, ele se tornou um modelo de produção global, que tanto abre novas fronteiras de expansão como vem recriando os espaços. Além disso, veio mundializar e desenvolver as suas forças produtivas e as suas relações de produção, bem como desenvolver e mundializar instituições, padrões e valores socioculturais, formas de agir, pensar e de imaginar.

Nestas circunstâncias, Ianni (1997b, p.224), enfatiza que:

[...] no fim do século XX, com o desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo pelo mundo, abrindo ou reabrindo fronteiras, é a emergência de uma configuração geohistórica original, dotada de peculiaridades especiais e de movimentos próprios, que se pode denominar de global, globalizante, globalizado ou globalismo. Trata-se de uma realidade social, econômica, política e cultural de âmbito transnacional.

Neste sentido, resgata-se mais uma vez, Ianni (1997b), quando ele expõe que o globalismo trouxe grandes implicações no que tange ao agravamento ou mesmo, na geração de problemas sociais, entre os quais destaca, principalmente, o desemprego estrutural, etnocentrismo, racismo, fundamentalismo, entre outros. Neste sentido, passa-se uma idéia ilusória de que a globalização conduz a integração ou homogeneização, compreendendo a dissolução das diversidades ou identidades. Em contrapartida, isso implica na formação social global desigual e problemática e, portanto, diferenciada.

Em suma, o globalismo leva consigo tendências de homogeneização, mas, simultaneamente à criação e ao agravamento dos problemas sociais; destacando o parâmetro Estado-Nação; implica fragmentação e provoca a ressurgência de localismos, nacionalismos, racismos. Enfim, é problemático e ao mesmo tempo contraditório.

A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NO MEIO AMBIENTE

Até o presente momento abordou-se a influência da globalização na sociedade.

No entanto pretende-se, também explorar, temas mais específicos caracterizados de grande preocupação por pesquisadores e comunidade em geral. Trata-se da degradação dos recursos naturais em nível global e sua repercussão no meio ambiente.

Desde o princípio, o homem vem explorando os recursos naturais existentes no planeta terra. Agora, mais do que nunca, nota-se suas repercussões do uso indiscriminado destes, sem seu devido planejamento.

Neste contexto, é importante resgatar Brigagão & Rodrigues (1999, p.91), quando afirma que “A natureza é apenas paisagem”. Estes autores ainda enfatizam que: “Começa então o planejamento para a exploração sistemática e sem fronteiras dos territórios físicos da natureza com o uso intensivo de ferramentas cada vez mais sofisticadas e poderosas”. Porém, este modelo que veio para o desenvolvimento acabou, conseqüentemente, degradando os recursos naturais.

Brigagão & Rodrigues (1999, p.93), afirmam que:

[...] a globalização ecológica indica uma nova forma de pensar e de atuar, prevalecendo os interesses dos bens comuns da humanidade. Isso requer uma visão global e indivisível do ecossistema, o que não ocorre devido às divisões de soberanias e interesses nacionais fechados, ou entre países ricos, detentores de altas tecnologias, e países pobres e médios, sem peso e influência internacionais.

Estudos realizados comprovam que os maiores e os mais graves danos ambientais são provocados pelas mais ricas economias do planeta.

De fato, com a crescente industrialização e a intensificação de problemas ambientais, surgem as primeiras medidas preventivas a favor da sustentação, da segurança e da qualidade de vida. Teve-se, assim, várias conferências em prol da qualidade ambiental, entre elas, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) – Rio 92, tendo como objetivo inserir nos programas de todos os governos, o compromisso com a preservação ambiental e com o desenvolvimento sustentável do meio ambiente.

É importante enfatizar as palavras de Barbieri (1997, p.13), quando coloca que “para guiar a humanidade em direção a um desenvolvimento que seja ao mesmo tempo socialmente justo e ambientalmente sustentável”. Conforme Brigagão & Rodrigues (1999, p.99), a Agenda 21, “assinada por 164 países, não alcançou ainda os resultados esperados, em razão das disputas em torno de questões como quem mais devasta, mais polui, mais agride e deteriora o planeta”.

Desta forma, os países mais ricos, segundo Brigagão & Rodrigues (1999, p.99), foram levados ao “banco dos réus”, uma vez que são eles os que possuem um altíssimo padrão de vida e de consumo, historicamente produtores originais da poluição global. Isto não anula a parcela de culpa dos países pobres, mas geralmente são estes que saem pagando por não possuírem poderes sobre os mais desenvolvidos.

Porém, os problemas globais do meio ambiente ainda estão longe de serem solucionados. Acredita-se que as campanhas realizadas buscando a conscientização da população tiveram influência na concepção de uma maior conservação dos recursos naturais, amenizando os impactos ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No passado, a prioridade do Estado era o bem-estar social, no entanto há décadas esta prioridade se modificou e as economias nacionais passaram a se adaptar às exigências da economia mundial.

O mundo transformou-se ao longo dos séculos. Não se possui apenas uma coleção de Nações agrárias ou industrializadas, ricas ou pobres, colônias ou metrópoles, submissas ou dominantes, arcaicas ou modernas. A partir da Segunda Guerra Mundial se desenvolveu um amplo processo de mundialização, assim como de relações, de processos e de estruturas, tanto de dominação e apropriação como de antagonismo e integração. Aos poucos, todos os problemas e dilemas da globalização atingem todas as esferas da vida social, coletiva e individual.

Neste contexto, os movimentos do capital, da tecnologia, da força de trabalho, em escala mundial, passaram a transformar as sociedades nacionais em dependências da sociedade global. Estas forças produtivas engajadas no desenvolvimento extensivo e intensivo do capital passaram a produzir tanto a integração como a fragmentação. Em consequência, a globalização jamais pode ser considerada como um processo histórico-social de homogeneização, embora sempre estejam presentes forças que estão à busca desta finalidade.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, José Carlos. *Desenvolvimento e meio ambiente: as estratégias de mudanças da Agenda 21*. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 156p.

BRIGAGÃO, Clóvis; RODRIGUES, Gilberto. *Globalização a olho nu*. São Paulo: Moderna, 1999. p.136. (Coleção Polêmica)

FOSCHIERA, Atamis Antonio. *Globalização e movimentos sociais no campo: o movimento união dos lavradores do Vale do Guaporé-MT, RS*. 2000. 152f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2000.

IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997b. 304p.

IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 192p.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997a. 224p.

RAMONET, Ignacio. O poder do jornalismo independente. In: *VOX XXI*, Porto Alegre, v.2, n.17, p.24-33, abr. 2002.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 474p.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1991. 124p.

SANTOS, Milton. Os espaços da globalização. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 3, 1993, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1993. p.33-37.